



REDESCOBERTAS.

Acima, Andreia Strang, aposentada; à esquerda, Robson Lanziloti



Fomos por décadas uma cidade sanatorial, que recebia tuberculosos. E, por esse motivo, já se desenvolveu com práticas higiênicas e de distanciamento social.”

Mariane Cara
Semioticista

lado certo!”, conta bem humorada. “Saio uma nova mulher depois desses desafios. Descobri ao longo desses dias que preciso de pouco para viver. E agora tenho mais tempo para mim”, afirmou ela, que tem seu atual foco no cuidado com a saúde e a mente.

O mesmo aconteceu com Elizabeth Valiante, 63 anos, moradora do edifício Irma - que ilustra a capa desta edição -, no centro de São José. A idosa precisou conter sua agitação.

“Adoro andar na rua, fazer compras, ir ao shopping... Tive que por o ‘pé no freio’”, disse ela.

Habituada a acordar às 6h, ela teve de se reinventar dentro de casa. “Sorte que minhas irmãs também moram no prédio. Nós três somos do grupo de risco, não podemos sair para nada. Diversão agora é se reunir para ver novela!”, ri.

A janela também virou diversão. Com a vista privilegiada para a praça João Mendes (praça do Sapo), é de lá que Elizabeth vê o movimento nas ruas centrais. “Saio raramente e tomo todos os cuidados possíveis. Mas aquele papo com comerciantes conhecidos já não dá mais...”, comenta.

‘De lá pra cá’

A redescoberta da casa é ponto comum entre as pessoas. A escassez de possibilidades de “ir e vir” nos obriga a encontrar laços emocionais com nosso “lugar primário” - conceito cunhado por Ray Oldenburg, em 1989, em um texto que falava sobre o lugar primário como sendo a casa, o secundário como o espaço de trabalho e o terciário como espaços públicos de entretenimento e lazer.

“Com a pandemia, perdemos os lugares secundários e terciários. Nos sobrou a possibilidade de criarmos novos laços e novas emoções com nossa casa”, avalia